

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT05.020

## CONFLUINDO SABERES: A LITERATURA ORAL VAI À ESCOLA DO CAMPO

Daniela Souza Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

A motivação para leitura e escrita nas escolas públicas do campo é uma questão emergente, pois os estudantes é notória falta de interesse, engajamento nas atividades propostas e dificuldades que muitos estudantes manifestam ao ler textos literários, que muitas vezes não dialogam com suas realidades. É necessário contextualizar as atividades de leitura às experiências dos estudantes para evitar que a leitura se torne mecânica e obrigatória. Assim, este trabalho propõe analisar o potencial da Literatura de Cordel para promover o letramento literário em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola do campo. A pesquisa realiza-se por meio de um estudo de caso, utilizando o método da pesquisa-ação, uma abordagem participativa que permite inserir as atividades nas práticas pedagógicas. As etapas incluem revisão bibliográfica, elaboração de um plano de trabalho, realização de oficinas, aplicação de questionários e análise dos resultados. Acredita-se que, por meio dessas atividades, o prazer pela leitura seja estimulado, contribuindo para o desenvolvimento do letramento literário, visando formar leitores capazes de compreender e apreciar textos literários diversos, expandindo suas perspectivas sobre o mundo. , a partir das discussões propostas por (Durão

1 Mestra em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLitCult/UFBA). Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela UFBA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9502-6796>  
E-mail: [dansousil@yahoo.com.br](mailto:dansousil@yahoo.com.br) /[danbibito30@gmail.com](mailto:danbibito30@gmail.com).

e Cechinel, 2022), (Cosson, 2019), (Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro 2012), (Roiphe; Pimentel 2021), dentre outros.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel, Ensino literário, Educação do campo.

## INTRODUÇÃO

*“Quanto mais flexível e ativo é o ensino que se oferece, mais os alunos podem beneficiar-se da relação entre a leitura literária e o aprendizado escolar.” (Colomer, 2007, p. 118)*

A investigação desta pesquisa origina-se de uma inquietação da pesquisadora, professora da Educação Básica que leciona há quatorze anos no Ensino Fundamental. A motivação surgiu ao perceber uma mudança de postura dos estudantes em relação ao livro e à leitura literária ao longo das etapas do Ensino Fundamental, que transita de um encantamento inicial ao visível desinteresse na pré-adolescência.

O incentivo à leitura e à escrita é uma questão emergente nas escolas, sobretudo nas públicas. Salienta-se que é constante, por parte dos professores, a discussão sobre a formação de leitores, contudo, isso aparece como uma atividade complexa para muitos educadores, pois a leitura não se finda na mera decodificação das palavras. Ler não é só transformar grafemas em fonemas.

Pode-se afirmar que a leitura é um processo cognitivo complexo no qual está intrínseco a decodificação e a interação, a partir da extração e da atribuição de significados, na relação com os mais variados contextos (sociais, históricos e culturais) de que os sujeitos participam. Afinal, “ensinar a ler é muito mais do que trabalhar a leitura em sua função básica – a informativa” (CINTRA; PASSARELLI, 2011, p. 38).

Sendo assim, formar leitores proficientes na Educação Básica tem se mostrado um imenso desafio para os docentes. Entretanto, em uma sociedade essencialmente letrada, na qual o texto escrito permeia todos os campos, muito mais que alfabetizar, o papel da escola passa a ser promover o letramento, ou seja, fazer com que os estudantes leiam e se apropriem da escrita e das práticas sociais relacionadas.

Há uma pressão social em relação à leitura e à formação do leitor, contudo, no “chão da escola”, é possível perceber que essa cobrança ainda está associada à leitura utilitária. Apesar de haver algumas ações visando o acesso ao texto literário, a escola segue dividindo as leituras entre pra-

zerosas e boas, tendo como base para validação dessa leitura literária o cânone, negando qualquer possibilidade de existir conhecimento, cultura e conteúdo válido para a aprendizagem nos textos ditos pertencentes à literatura popular.

Entendendo que conduzir e formar o leitor literário são tarefas que a escola ainda mantém pendente, e, sendo ela uma importante agência de letramento, é seu dever proporcionar aos educandos as mais diversas práticas e eventos sociais que envolvam a leitura de textos literários diversos (canônicos e não canônicos, orais e escritos). Pois, através da leitura, o ser humano consegue se transportar para o desconhecido, explorá-lo, decifrar os sentimentos e emoções que os cercam, acrescentando vida e sabor a sua existência.

Nesse sentido, para estabelecer um ensino literário cujo objetivo é alcançar a heterogeneidade que está presente em todas as salas de aula, independentemente do local onde está inserida, é necessário romper com os ditames dos programas que determinam e privilegiam leituras baseadas apenas no cânone, visto que tais obras não são representativas para todos. Muitas vezes a ação de ofertar apenas textos canônicos para leitores ainda em estágio inicial de formação leitora pode ser mais danosa do que se imagina, pois, ao invés de aproximar e atrair o leitor, o resultado pode ser inverso, ou seja, de repulsa, enfado e afastamento.

Os autores Durão e Cechinel (2022, p. 18) corroboram esse pensamento, afirmando que “[...] Machado de Assis não é universal a ponto de conseguir se comunicar diretamente com os excluídos; só as imensas diferenças linguísticas entre esses dois universos já são prova cabal disso”. Machado aqui comparece metonimicamente para representar o cânone que, na maioria das vezes, apresenta uma realidade e uma linguagem de difícil acesso para os estudantes, fazendo com que não haja leitura, apenas a decodificação da escrita, pois o aluno pouco acessa e compreende.

Reforça-se que este trabalho não nega a importância do cânone literário e nem a importância de apresentá-lo aos estudantes, uma vez que dificilmente eles acessariam sem intermédio da escola. Todavia, discute-se

que são necessárias estratégias para chegar até tais obras. Pois, solicitar a leitura de textos tão complexos, seja do ponto de vista linguístico e/ou histórico, para aprendizes que ainda não possuem arcabouço teórico e não dominam estratégias de leituras tão necessárias para a sua compreensão é algo que não pode conduzir ao êxito, muito pelo contrário, uma postura como essa pode trazer um resultado reverso ao que se propõe a escola e o ensino literário.

Nesse contexto, torna-se mais viável, durante o processo de efetivação do letramento literário, partir do que os estudantes conhecem e externam interesse para o que desconhecem, de modo que eles tenham a oportunidade de perceber seu mundo nas páginas dos livros e construir uma imagem de si mesmos enquanto leitores e, assim, possam adentrar, conhecer e, quem sabe, perceber-se também como parte desses novos mundos que estão sendo apresentados.

Em vista disso, para que a leitura literária seja um ato democrático no ambiente escolar, no momento de selecionar os textos que serão ofertados aos estudantes, tal qual afirma Cosson (2019, p. 27), “é preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa”. Diante do exposto, a escolha pelo trabalho com a literatura oral se deu por entender que a oralidade já faz parte da cultura dos sujeitos do campo e o grande potencial da literatura de cordel, uma vez que esta trata de diferentes temas, sobretudo aqueles que estão nas raízes do povo nordestino e campesino. Ainda que tenha como matriz a escritura na contemporaneidade, o cordel está diretamente ligado à oralidade, uma poética que continua reivindicando a voz, o corpo e a coletividade, pois ele pode até partir da escritura, mas seus versos pressupõem e reivindicam a voz, a performance e o outro.

A literatura oral aparece neste trabalho como uma possibilidade para a promoção do letramento literário dos sujeitos campesinos, visto que os estudantes que estão inseridos neste ambiente escolar encontrarão refletidos nos folhetos parte de sua realidade e cultura, o que servirá de incentivo ao encantamento e permitirá uma identificação maior com o

que está sendo lido, abrindo caminhos para a inserção de outros textos literários e transformando os momentos dedicados à leitura em atividades prazerosas e ricas de aprendizados.

É na literatura oral que encontramos a raiz cultural e a identidade de um povo, sobretudo os modos de viver, pensar, sentir, agir e comunicar das comunidades do campo. Ofertar aos alunos a oportunidade de se verem representados no que está escrito é possibilitar que eles se percebam enquanto sujeitos e parte desse mundo no qual estão inseridos. Portanto, conceder à oralidade um lugar de protagonismo na sala de aula é entender que levar em consideração as questões culturais e identitárias dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem pode resultar em engajamento e motivação, refletindo diretamente na aprendizagem dos alunos das séries finais do Ensino Fundamental. Assim, esse estudo tem como objetivo analisar o potencial da literatura de cordel para promoção do letramento literário em sala de aula, na Educação do Campo, a partir de um estudo de caso com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental.

## **PLANEJANDO A SEMEADURA: SOBRE A SELEÇÃO DE TEXTOS E O MÉTODO**

A elaboração de um Plano de Ação é uma das atividades desenvolvidas pelo professor-pesquisador quando o estudo de caso faz parte das etapas da pesquisa acadêmica. Deste modo, a produção de uma proposta pedagógica foi imprescindível, uma vez que a pesquisa foi realizada em sala de aula e envolveu estudantes da Educação Básica. Esse plano de trabalho norteou as atividades propostas pela pesquisadora e a interpretação dos resultados obtidos a partir da execução dessas atividades por parte dos estudantes durante as oficinas.

O plano de ação buscou promover o letramento literário e incentivar uma leitura crítica e significativa por meio da literatura de cordel. Para isso, foi organizada uma sequência de atividades sistematizadas, visando proporcionar aos estudantes do campo uma experiência estética em cada

encontro. Os textos e atividades foram escolhidos conforme as temáticas trabalhadas, não apenas para apresentar o gênero, mas para promover reflexões que dialogassem com a realidade dos aprendizes – seja pelos temas, pelos contextos de produção ou pelas problemáticas que afetam as comunidades rurais e a sociedade.

A construção dessa sequência teve como base os estudos de autores como Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro (2012), Marco Haurélio (2013), Gilles Villeneuve Souza Nascimento (2019) e Rildo Cosson (2019), que consiste em observar e conhecer como o trabalho com a poesia de cordel pode estimular os alunos a fazerem da leitura literária e da escrita algo prazeroso.

Após aprovação da pesquisa pelo Comitê de ética, foram realizados 10 encontros semanais com a turma do 9º ano. Antes de iniciar os encontros, foi promovida uma roda de conversa como atividade inicial, culminando em uma produção textual que permitiu aos estudantes expressar suas subjetividades, recordações de leitura, vivências pessoais, cultura, ancestralidade, ideologias e emoções tanto em casa quanto na escola.

**Fig. 1** - Roda de conversa (1º encontro)



**Fonte:** Registros da pesquisadora (2022).

A roda de conversa foi pensada justamente para evitar que um questionário, pela faixa etária dos estudantes, mascarasse ou induzisse respostas que não refletissem a realidade, pois, como o corpo muitas vezes fala mais do que as palavras, a pesquisadora entendeu que, por meio da conversa, seria possível ler gestos e expressões e interpretar melhor os questionamentos; após a análise da participação na roda e dos textos produzidos, iniciaram-se as atividades.

Analisando o resultado, percebe-se que os alunos não têm aversão à leitura ou à leitura literária em si, mas não cresceram em um ambiente leitor nem possuem referência de leitura no âmbito familiar, tendo pouca oportunidade de acessar a literatura para além dos muros da escola, o que pode levá-los a entender a leitura como obrigação escolar, já não houve contato com o livro literário fora da sala de aula, e, muitas vezes, a metodologia docente reforça esse entendimento, uma vez que toda atividade de leitura proposta na escola envolve a cobrança de resumo, ficha ou resenha, o que torna a leitura uma obrigação para cumprir tarefas.

Durante o encontro, ficou evidente a baixa motivação dos alunos do campo para a leitura, especialmente diante de textos literários. Muitos relataram sono, cansaço e associaram a leitura à obrigação de tirar notas ou responder avaliações. Essa resistência não se deve apenas à didática repetitiva, mas à falta de hábito, identificação e dificuldade de compreensão. Afinal, “seja qual for a finalidade da leitura, evidencia-se a participação do leitor na construção do sentido do texto” (CINTRA; PASSARELLI, 2011, p. 30). Para leitores iniciantes, é difícil compreender uma linguagem que não dialoga com sua realidade. Nessa perspectiva, Cosson (2019, p. 27) afirma que: “Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visão do mundo entre os homens no tempo e no espaço.” Por tanto, o sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Ainda sobre esse aspecto, Kramer enfatiza que:

O leitor leva rastros do vivido no momento da leitura para depois ou para fora do momento imediato, isso torna a leitura uma experiência. Sendo mediada ou mediadora, a leitura permite ao leitor pensar, ser crítico, relacionar o antes e o depois, entender a história, ser parte dela, continuá-la e modificá-la (Kramer, 2021, p. 123).

Desse modo, é possível perceber que a interação entre o leitor e o texto parte da identificação com o que está sendo lido; é difícil haver uma troca quando não há encontro entre as partes envolvidas. Esse fato revela, assim como já foi defendido anteriormente, a necessidade de um trabalho mais criterioso por parte dos docentes no momento da seleção de livros e textos literários, estabelecendo como critério primordial para escolha dos títulos, livros que apresentem contextos próximos ao conhecimento de mundo dos estudantes, abordando temáticas que chamem a atenção e sejam do interesse desses jovens. Não que a escola deva se limitar a atender apenas aos interesses dos estudantes, mas é preciso entender que não se forma um leitor literário apenas com a oferta de livros, é preciso formar o leitor possibilitando mecanismos e conduzindo esse processo de forma sistemática, e isso é papel do professor.

Durante as oficinas, a poesia de cordel foi trabalhada de uma forma dinâmica, cantada em voz alta, explicitando a sua forte relação com a oralidade. A fim de promover o encantamento, as aulas iniciaram com contação de história ou leitura dramatizada dos “folhetos” de cordéis selecionados.

Após a leitura expressiva do texto, seja por parte da professora ou dos próprios estudantes, foram propostas atividades diversas, tais como: análise de textos, pesquisas, apresentação da história e estrutura do gênero, apresentação dos autores e autoras, análise de xilogravuras e vídeos. Essas atividades foram as mais dinâmicas possíveis, pois a intenção era desassociar a leitura literária das atividades corriqueiras geralmente cobradas pelos professores, a saber: resumos, resenhas e fichamentos. Com essas atividades, acreditou-se que seria possível conhecer a história, as especificidades do gênero, as temáticas trabalhadas e se expressar através das

produções textuais, estas que foram propostas tendo como finalidade perceber a recepção dos textos por parte dos alunos.

Entendendo que o diagnóstico de uma pesquisa perpassa pelo diálogo, pela observação e pela escuta das pessoas envolvidas, o terceiro momento consistiu na aplicação de uma pesquisa qualitativa. O questionário qualitativo deu conta de validar as observações e impressões em relação à receptividade dos trabalhos com a literatura de cordel em sala de aula. A análise dos dados permitiu compreender que levar em consideração as questões identitárias e culturais refletem no engajamento dos discentes durante as práticas de leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa.

## **LER RIMA COM PRAZER: COMO FOI A EXPERIÊNCIA**

Ao compreender melhor os desafios que afetam a motivação dos alunos do campo para a leitura literária, bem como os entraves no ensino de literatura na Educação Básica, foi possível redirecionar a pesquisa para promover uma participação mais efetiva dos estudantes. Nesse cenário, o planejamento — que envolve escolhas, atitudes e procedimentos — revela-se uma ação política, exigindo decisões conscientes e rompendo com a ideia de neutralidade pedagógica. Assim, este trabalho não se limita a uma exigência da prática educacional, mas se afirma como expressão de uma necessidade urgente de mudança.

Como parte do projeto de pesquisa, o plano de ação foi elaborado antes dos encontros com a turma. No entanto, como destaca Luckesi (1994), “o planejamento, entendido como um ato político, será dinâmico e constante, pois estará afeito a uma constante tomada de decisão”. Ciente de que o planejamento deve ser flexível e adaptável, algumas atividades foram modificadas e novos textos escolhidos, visando atender às demandas da escola e despertar o interesse dos estudantes.

Sendo uma pesquisa-ação — centrada na prática e cuja investigação parte da ação — é essencial estimular a participação ativa dos envolvidos.

Como afirma David Tripp (2005, p. 446), esse tipo de pesquisa “planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação”. Assim, a cada texto lido e atividade proposta, o engajamento da turma era observado, e os alunos eram incentivados a compartilhar suas impressões. Essa postura evidenciava que eles não eram apenas receptores, mas coautores da pesquisa. As atividades eram construídas com eles – e não apenas para eles.

Sobre o trabalho com o cordel em sala de aula, os autores Alberto Roiphe e Rosilene Pimentel (2021, p. 51) destacam que:

Personalizar o ensino e a aprendizagem com cordel para nossos estudantes requer um trabalho criterioso de planejamento, pautado em uma metodologia bem definida que vai além de uma simples apresentação do que é o cordel e sua estrutura. Tendo em vista que a aprendizagem precisa fazer sentido, ou seja, ser significativa para o aluno, devemos priorizar uma metodologia que favoreça o protagonismo, desperte neles o interesse, a curiosidade e a identificação, para que o encontro ou reencontro com o cordel aconteça intermediado por estratégias pedagógicas que promovam também a identificação do valor do gênero e seu reconhecimento como um bem cultural essencial. (Roiphe e Pimentel, 2021, p. 51)

Em conformidade com os pesquisadores, os textos foram escolhidos com base nos interesses dos estudantes e na temática proposta, permitindo à turma explorar as múltiplas faces da literatura de cordel. Essa manifestação artística abrange uma ampla variedade de temas – do cômico aos dramas históricos – e inclui os chamados “folhetos de circunstância”, que, segundo Haurélio (2013), narravam fatos de diferentes épocas e foram tão valorizados que o cordel chegou a ser conhecido como “jornal do povo”.

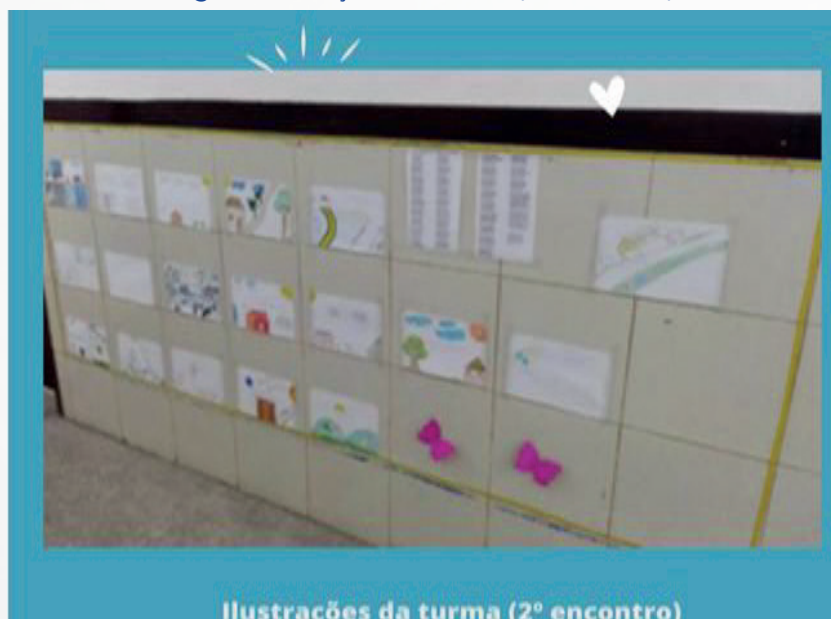
As Oficinas 1 e 2, com o tema “Dando asas à imaginação”, incluíram a leitura de *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos (1978), uma narrativa utópica sobre uma cidade de fartura e felicidade, onde tudo – comida, vestimenta e dinheiro – existe em abundância. Roupas e dinheiro brotam em árvores, os alimentos já vêm prontos, e ninguém precisa traba-

lhar para viver bem. A leitura performática encantou os estudantes, como se via em seus semblantes. Os momentos de leitura expressiva, conduzidos pela pesquisadora e pelos alunos, foram essenciais para alcançar os objetivos da oficina, como destacam Marinho e Pinheiro (2012, p. 129):

A leitura oral dos folhetos de cordel é indispensável. Portanto, a primeira e fundamental atividade deve ser a de ler em voz alta. E, se possível, realizar mais de uma leitura. Esta repetição ajudará a perceber o ritmo e encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa comportar e trabalhar as entonações de modo adequado. (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 129)

Após a declamação, cópias do texto foram distribuídas para leitura silenciosa. Os/as estudantes escolheram trechos favoritos, leram em voz alta e explicaram suas escolhas. O momento revelou o poder das rimas e da metrificação, que encantaram os alunos – muitos cantavam sem perceber, o que foi uma grata surpresa. Ao final, produziram desenhos inspirados no texto, que foram expostos na escola, enriquecendo ainda mais a experiência.

**Fig. 2** - Ilustrações da turma (2º encontro)



**Fonte:** Registro da pesquisadora.



A segunda oficina deu continuidade à atividade realizada no primeiro encontro. Os aprendizes foram convidados a fazer a leitura em voz alta, sendo que cada um ficou responsável pela leitura de uma estrofe até que o texto fosse finalizado. Após a leitura, iniciou-se um debate em relação às questões suscitadas pelo texto.

De acordo como Marinho e Pinheiro (2012, p. 130), “qualquer que seja o método de abordagem do texto literário, o debate em algum momento deverá ser privilegiado”. Sendo assim, as discussões foram conduzidas de forma que os alunos refletissem sobre como seria viver em um lugar como aquele, onde há abundância de dinheiro e comida. Para suscitar tais reflexões, os seguintes questionamentos foram lançados: Vocês já imaginaram como seria viver em um lugar como esse? Por que o autor apresenta esse ambiente com abundância de dinheiro e comida?

Os alunos ficaram bem à vontade e foram se posicionando, cada um no seu tempo, em relação aos questionamentos. Destaca-se abaixo o diálogo de um grupo de alunos:

*Professora, acho que não seria tão bom viver em um lugar assim por muito tempo. Acho que seria chato não precisar fazer nada para conseguir as coisas (Estudante E.).*

*Oxe, aí que seria bom ter tudo e não precisar fazer nada (risos) (Estudante C).*

*Sei não, viu. Seria bom ter tudo e não precisar fazer nada, mas que sentido teria uma vida assim? (Estudante A.).*

A primeira pergunta gerou uma discussão acalorada e interessante, pois as opiniões divergiram, o que é bastante saudável e esperado diante do contexto. Em seguida, os/as alunos/as foram estimulados a pensar, tal qual fez o autor Manoel Camilo dos Santos (1978), numa cidade ideal. Para executar a atividade proposta foi necessário imaginar e descrever a cidade onde gostariam de viver, como seria o lugar e as pessoas que ali habitariam, uma espécie de paraíso particular. Muitos deles demonstram que não se preocupam apenas com riquezas materiais, mas valorizam a sensibilidade, a paz, a harmonia e a ausência de preconceitos.

A atividade transitou entre a imaginação e a crítica à realidade, estimulando os/as estudantes a refletirem sobre a não concretização do lugar utópico diante do contexto que os cerca. O trabalho com o texto revelou-se proveitoso ao despertar sensibilidade, inquietações e a força da oralidade. Nos terceiro e quarto encontros, com o tema “Conhecendo o gênero e seus percussores”, foram apresentadas as características, temáticas e modalidades do cordel, além de autores e autoras tradicionais e contemporâneos. Os alunos também leram *O Cavalo que Defecava Dinheiro*, de Leandro Gomes de Barros (2016), e pesquisaram sobre os fundadores do cordel.

Os alunos se encantaram e se divertiram com a leitura, associando trechos do texto ao filme *O Auto da Compadecida*. Destacaram as artimanhas do compadre pobre que engana o rico, vendendo um animal doente como se fosse mágico, capaz de defecar dinheiro, e fingindo que um instrumento musical ressuscita mortos. As lembranças de João Grilo e Chicó, personagens do filme que vivem situações semelhantes, provocaram muitas risadas.

**Fig. 3** - Momento de leitura



**Fonte:** Registro da pesquisadora.

Foram apresentadas as principais características e teorias sobre a literatura de cordel, ressaltando seu valor como patrimônio cultural brasileiro. Segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 133), é essencial que o cordel seja reconhecido como uma produção cultural valiosa, que merece ser preservada. A exposição foi dinâmica, com capas de cordéis e um acervo de folhetos e livros disponíveis para leitura. Ao final, os alunos apreciaram as histórias e valorizaram essa rica forma de expressão literária.

A temática do quinto e do sexto encontro foi “Lendas do meu Brasil”, e a escolha das lendas trabalhadas se deu pela vivência dos estudantes e pelas histórias locais. Não caberia, estando em uma comunidade do campo, onde a oralidade é tão forte, trazer lendas que apresentassem “personagens” que eles desconheciam. Ainda de acordo com as reflexões propostas pelos pesquisadores Marinho e Pinheiro (2012, p. 125):

O trabalho com a literatura popular pressupõe essa “empatia sincera e prolongada” e, sobretudo, uma “relação amorosa”. Diria, também, uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder apreender lhe os sentidos e não interpretá-la de modo redutor. (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 125):

Diante disso, levei para a sala de aula os textos A Lenda da Caipora, de Gonçalo Ferreira Silva (2005), e O Lobisomem, de Sírlia Lima (2013), ambas em formato de cordel, que contam histórias semelhantes aos relatos de aparecimento desses seres encantados no local.

No campo, lendas são reais e os seres encantados, como Curupira e Lobisomem, fazem parte do cotidiano. Trabalhar com essas narrativas é encantador, pois o que a cidade vê como fantasia, os sujeitos do campo reconhecem como realidade que coexiste com seus corpos. Para eles, Curupira, Caipora e Lobisomem habitam o mundo material – são ouvidos, vistos e frequentemente mencionados em relatos de vizinhos e parentes. Mesmo que os estudantes não tenham tido contato direto, sempre conhecem alguém que teve. Como, então, duvidar de sua existência?

Foi justamente imerso nesse campo fecundo que o trabalho com as lendas adaptadas ao cordel foi iniciado. A magia tomou conta da escola.

Durante o quinto encontro, os estudantes leram a lenda da Caipora e, envolvidos pela força das rimas, entregaram-se com plenitude à leitura performática. Com vozes entoadas com força e movimentos expressivos, a sala se encheu de encanto. Os aprendizes, que antes se escondiam, agora abraçaram a atividade.

Foi nesse campo fértil que se iniciou o trabalho com lendas adaptadas ao cordel, trazendo magia à escola. No quinto encontro, os estudantes leram a lenda da Caipora e, tomados pela força das rimas, entregaram-se à leitura performática com vozes potentes e gestos expressivos, enchendo a sala de encanto. Aqueles que antes se escondiam, agora se mostravam envolvidos. Após a leitura, uma roda de conversa estimulou a participação com perguntas como: “Vocês já ouviram falar da Caipora?”, “Quem é a Caipora?”, “Alguém já teve ou conhece quem teve contato com ela?”. As questões serviram como convite à partilha, e os estudantes trouxeram relatos de encontros com esse ser misterioso nas matas locais.

Para o sexto encontro, a sala de aula foi organizada em semicírculo e o texto *O Lobisomem*, da autora Sírilia Lima (2013), foi entregue aos alunos. Após a leitura inicial do texto, três estudantes fizeram uma leitura performática, intercalando as estrofes de forma espontânea. Em seguida, assistiram a um vídeo de animação em cordel sobre o “Causo do Lobisomem”.<sup>2</sup> Os alunos ficaram envolvidos com a animação e logo começaram um bate-papo sobre o tema, sem a necessidade de questionamentos adicionais, uma vez que ao finalizar o vídeo ouvi:

*Professora, nas noites de lua cheia, escutam os uivos do Lobisomem (Estudante A.).*

*Professora, uma vez ele ficou arranhando a porta lá de casa. Nós ficamos morrendo de medo (Estudante JL.).*

*Pró Dani, teve uma vez fomos à festa e na volta percebemos um bicho estranho na moita, saímos correndo, entramos em casa e trancamos*

---

2 CAUSOS DE CORDEL. O Causo do Lobisomem Animação em Cordel. YouTube, 1 dez. 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=CqE76KUAK\\_M](https://www.youtube.com/watch?v=CqE76KUAK_M). Acesso em: 30 set. 2022.

*a porta. Daí, só escutamos ele uivando. Naquele dia, quase morri de medo (Estudante R.).*

Pela manhã, os alunos compartilharam diversos relatos sobre o lobisomem, figura presente na comunidade local. O encontro foi enriquecedor, com participação autêntica e animada, já que a oralidade é parte do cotidiano dos estudantes. Na oficina, foram convidados a escrever narrativas em versos sobre o aparecimento do lobisomem, criando ao menos seis estrofes em sextilhas com rimas no padrão XAXAXA. Embora não fosse cordel, por exigir regras que ainda não dominam, o gênero serviu como inspiração para formar leitores de textos literários. Afinal, retomando as reflexões propostas por Marinho e Pinheiro (2012, p. 12), “ninguém aprende a gostar de folhetos decorando regras sobre métricas e rimas”. Os pesquisadores Alberto Roiphe e Rosilene Pimentel (2021, p. 51), também partem desse mesmo pressuposto e chamam a atenção para uma questão muito importante ao afirmar que:

Nas atividades com o cordel na escola, o protagonismo do estudante não pode ser compreendido e disseminado como competência para criar narrativas em cordel. O fato de se conhecer a estrutura e criar rimas não é o suficiente para compor cordéis, pois o trato com este corpo literário requer habilidades específicas, pesquisa, talento e um burilar poético das palavras, combatendo inclusive a ideia distorcida de quem associa a composição em versos pelos cordelistas a uma linguagem coloquial muitas vezes representada por erros grosseiros em língua portuguesa como se eles fossem representantes da estrutura do cordel. (Roiphe;Pimentel, 2021, p. 51),

Para que os estudantes compreendessem que o cordel vai além dos versos rimados, seus textos foram chamados de narrativas inspiradas no cordel. Durante a escrita, enfrentaram dificuldades para encontrar rimas adequadas, revelando a complexidade do gênero. Aproveitei esse momento para mostrar que, ao contrário do senso comum, escrever cordel exige amplo repertório e domínio técnico. Apesar da linguagem acessível, sua estrutura é sofisticada e exige conhecimento específico. Os alunos ficaram surpresos ao perceberem que, como muitos, subestima-

vam a exigência desse gênero discursivo. Os estudantes ficaram surpresos com a complexidade da escrita desse gênero discursivo, mas satisfeitos por terem conseguido executar de forma brilhante a proposta.

Os sétimo e oitavo encontros abordaram o tema “Xilogravura, mas o que é isso?”, com foco na compreensão aprofundada dessa arte. Não houve leitura de textos, mas uma apresentação da xilogravura, tão ligada ao cordel que se tornam quase sinônimos. Falar de um é evocar o outro. Essas expressões estão profundamente enraizadas no imaginário nordestino – e brasileiro –, retroalimentando-se e resistindo juntas às transformações sociais.

Segundo Roiphe e Pimentel (2011, p. 27), “uma das formas tradicionais da linguagem visual na capa do folheto de cordel é a xilogravura, isto é, a gravura elaborada em madeira”. Essa arte antiga, assim como o cordel, ainda é pouco valorizada em espaços de poder. Por muito tempo, ilustrou principalmente as capas dos folhetos, tornando-se tão associada ao cordel que muitos a confundem com o próprio texto. Haurélio (2013, p. 81) reforça: “quando se fala em ilustrações no cordel, evoca-se, de imediato, a xilogravura como a imagem por excelência”. Imagem e texto se entrelaçam de tal forma que um termo inevitavelmente remete ao outro.

Era um dia especial na sala de aula: o projetor estava pronto para revelar o mistério da xilogravura. Nos slides, perguntas provocativas aguardavam os alunos: “Vocês já ouviram falar de xilogravura? Sabem o que é e como se faz?”. As reações foram diversas – alguns nunca tinham ouvido falar, outros lembravam o nome, mas desconheciam seu significado. A professora-pesquisadora, então, iniciou a apresentação. À medida que as informações surgiam, os rostos se iluminavam e sorrisos de reconhecimento apareciam entre os que antes diziam não saber nada sobre essa arte. Alguns alunos comentaram:

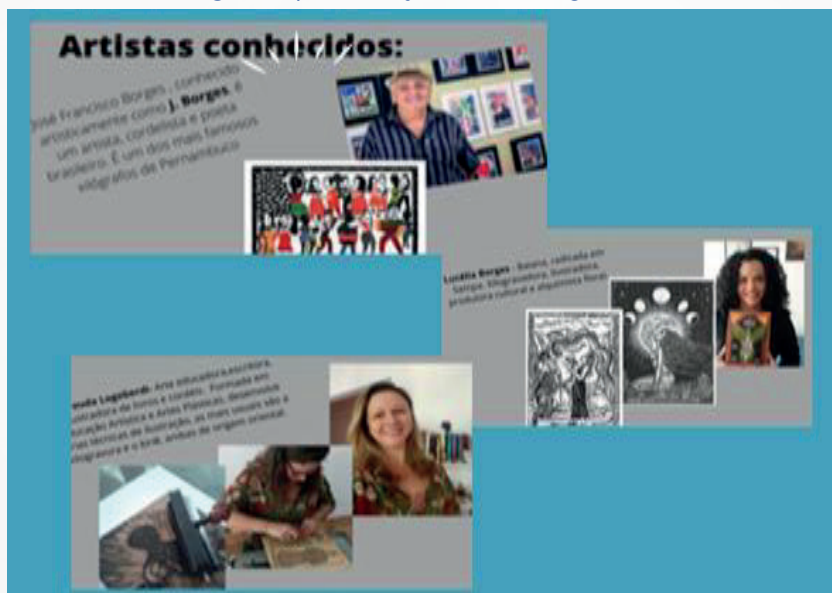
*Ah!! Pró, são os desenhos do cordel (Estudante A.).*

*Eu conheço a xilogravura (Estudante JL).*

*Eu conheço esses desenhos, pró (Estudante E.).*

No encontro sobre a xilogravura e sua relação com o cordel, os alunos demonstraram curiosidade e dúvidas iniciais. Ao verem as imagens, seus rostos se iluminaram e o riso revelou familiaridade com a arte. A história da xilogravura foi apresentada, destacando sua conexão com o cordel, reforçada pelo vídeo “J. Borges – Xilogravura e Literatura de Cordel”, exibido no Jornal Hoje (Rede Globo, 2014). Os estudantes também conheceram obras de outros artistas, inclusive mulheres, o que os surpreendeu positivamente. A aula tornou-se dinâmica e envolvente, valorizando essa arte antiga e significativa.

Fig. 4 - Apresentação sobre xilogravura



Fonte: Registro da pesquisadora (2022).

Após a apresentação sobre a arte, história e artistas, a turma assistiu ao vídeo “Xilogravura: como fazer?”. O objetivo era ir além da explicação oral e mostrar, na prática, o trabalho dos artistas, revelando a riqueza de detalhes da técnica do entalhe. O vídeo evidenciou a necessidade de domínio dos instrumentos e coordenação motora para que a gravura ganhe contornos precisos e se destaque na impressão, despertando nos alunos um novo olhar sobre essa arte e seus criadores.

Durante esse encontro, ficou perceptível a imensa satisfação e entusiasmo por parte da turma, era visível que o estado de encantamento estava presente entre eles que, a todo o momento, teciam comentários e lançavam perguntas como:

*Vixe! Isso é difícil de fazer, professora (Estudante W.).*

*Imagina ficar cavando a madeira para aparecer cada detalhe do desenho! (Estudante A2).*

*Pró, nós vamos fazer xilogravura? (Estudante TC.).*

Diante do entusiasmo dos estudantes, foi proposta uma atividade prática para que vivenciassem a criação e impressão de gravuras, utilizando a técnica da isogravura – semelhante à xilogravura, mas sem materiais cortantes. A oficina começou com uma explicação e o vídeo instrutivo “Como fazer isogravura”. Em seguida, foram distribuídos os materiais: bandejas de isopor, papel A4, rolos de pintura, lápis preto, tesoura sem ponta e tinta acrílica preta. Os alunos criaram livremente suas imagens, desenhando ou decalcando na bandeja, entalhando com lápis ou caneta, pintando com tinta preta e, por fim, imprimindo suas gravuras no papel. A atividade permitiu que colocassem suas ideias em prática e experimentassem o processo artístico de forma concreta.

**Fig. 5** - Resultado da oficina



**Fonte:** Registro da pesquisadora.

As imagens revelam o sucesso da oficina: alunos envolvidos, felizes e gravuras impressionantes. Foi uma demonstração clara de que arte e literatura têm o poder de humanizar e transformar.

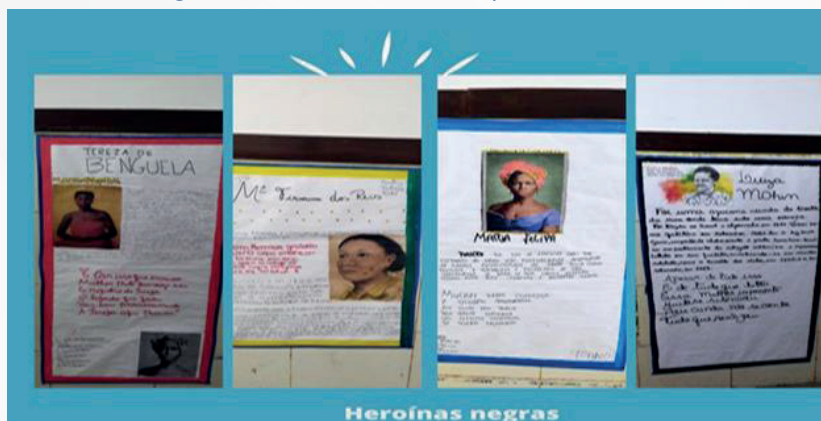
No último encontro, os alunos conheceram o livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*, de Jarid Arraes (2020), que narra a trajetória de mulheres negras marcantes, silenciadas pela escravidão, racismo e machismo. A oficina foi adaptada para destacar essas histórias inspiradoras, promovendo uma experiência reflexiva. Para iniciar, os nomes de cinco heroínas – Maria Felipa, Tereza de Benguela, Maria Firmina dos Reis, Luiza Mahin e Aqualtune – foram escritos na lousa em letras grandes, chamando atenção. Ao serem questionados se conheciam essas figuras, a resposta dos estudantes foi imediata e unânime: “NÃO!”.

A Lei 10.639/2003 representou um avanço ao incluir a história e cultura afro-brasileira na Educação Básica, mas ainda é preciso garantir sua presença efetiva e integrada ao longo dos 200 dias letivos, sem restringi-la a datas comemorativas. Na oficina, os alunos foram divididos em grupos para ler e destacar estrofes sobre heroínas negras. Cada grupo apresentou uma figura, ressaltando seu nome, origem e o motivo de sua relevância. Em seguida, realizaram uma leitura expressiva do cordel, com ritmo e animação surpreendentes, dando vida ao gênero. Ao final, demonstraram satisfação ao conhecer mulheres negras que simbolizam luta, força e resistência. Foi um momento profundamente inspirador.

Durante a atividade, as alunas demonstraram interesse em conhecer mais sobre a história do povo negro, buscando narrativas que valorizassem suas potências e representações positivas. Os alunos também se mostraram curiosos sobre a força e sabedoria das mulheres negras apresentadas. Para compartilhar esse conhecimento com a comunidade escolar, organizaram-se em grupos e criaram cartazes com biografias e trechos dos cordéis das heroínas pesquisadas. Foi necessário orientá-los sobre a confiabilidade das fontes digitais e auxiliar na construção do gênero textual, mas todos concluíram seus trabalhos com entusiasmo. Os cartazes foram expostos na área externa da sala, permitindo que a comunidade escolar

conhecesse essas mulheres e suas conquistas. A atividade foi enriquecedora, promovendo o aprendizado sobre a história do povo negro e o protagonismo feminino.

**Fig. 6** - Cartazes elaborados pelos estudantes



**Fonte:** Registro da pesquisadora.

Assim sendo, as atividades foram sequenciadas de maneira que dialogassem entre si. E, ao final de cada oficina, foi analisado o envolvimento e a participação dos alunos durante as atividades propostas.

## COLHENDO OS FRUTOS: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Até recentemente, o homem do campo era retratado nos livros didáticos de forma estereotipada – com capim na boca, chapéu de palha e fala distante da norma padrão. Essa representação, embora naturalizada, é também uma forma de violência. Valorizar a oralidade nas comunidades rurais, onde o saber é transmitido pela voz, é um gesto reparador, capaz de fortalecer a autoestima de quem historicamente foi inferiorizado pela urbanidade.

Ao refletir sobre o trabalho com poesia, retomo Marinho e Pinheiro (2012, p. 8), que destacam o poder da linguagem poética em gerar experiências estéticas e sociais únicas, capazes de transformar vidas. Com

este trabalho, busquei contribuir para a formação leitora dos estudantes, apontando a literatura oral – que mesmo escrita reivindica sua força na oralidade – como caminho possível e eficaz para esse propósito.

Na conversa com a turma, ficou evidente que os estudantes do campo precisavam se reconhecer como leitores – e o cordel tornou isso possível. Com linguagem acessível e temas diversos, essa “literatura camaleônica”, que une verso, corpo e voz, abriu caminhos para outras leituras, sendo meio e não fim do letramento. Nos encontros, o texto literário e a leitura expressiva ganharam protagonismo, e os alunos, antes desmotivados, passaram a se alegrar, dramatizar e declamar com ritmo e cadência, revelando envolvimento e encantamento.

Ao longo das atividades, o engajamento da turma cresceu, revelando que os objetivos foram alcançados. Com alunos motivados, textos canônicos passaram a ser incluídos, e a leitura deixou de provocar resistência – a semente lançada começava a germinar. Embora o diagnóstico tenha se apoiado no diálogo, na observação e na escuta, a proposta de letramento literário via cordel mostrou-se eficaz. Um questionário qualitativo confirmou a receptividade em sala, e os resultados evidenciaram que considerar aspectos identitários e culturais potencializa o envolvimento dos estudantes com a leitura.

Por ser uma literatura oral e popular, o cordel dialoga com diferentes modos de vida, incluindo os sujeitos do campo, frequentemente invisibilizados pelo Estado e pela sociedade. Ele foi a ponte para o encontro entre leitor e texto, abrindo portas para o mundo vivido e outros possíveis. Nessa perspectiva, Marinho e Pinheiro (2012, p. 128) destacam que:

É sempre bom sondar o “horizonte de expectativa” de nossos leitores. De quem gostam? Quais seus interesses mais imediatos? Como encaram experiências diferentes? Estas questões devem estar sempre presentes para o profissional de ensino. A partir daí ele poderá partir de uma história que, de um modo ou de outro, possa tocar seus leitores. A porta de entrada é fundamental. Depois se vai ampliando a experiência de leitura, vai se abrindo a visão às vezes estreita do leitor adolescente. Partindo do princípio de que o gosto pode e deve ser educado,

é fundamental insistir na leitura – não só do cordel. (Marinho e Pinheiro, 2012, p. 128)

É essencial trazer para a sala de aula o real, o visível e até o risível, partindo do universo dos aprendizes e, gradualmente, abrindo caminhos para outros mundos. Antes de avançar, é preciso fortalecer as bases, evitando o ensino mecanicista que ignora a experiência estética da literatura. Nesse sentido, o cordel, com sua linguagem acessível e temáticas diversas, pode ser um forte aliado na promoção da leitura literária na Escola do Campo.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A literatura oral, antes estigmatizada e reduzida a folclore, tem ganhado espaço no meio acadêmico. O cordel, nascido no meio rural, hoje ocupa também a urbanidade. Diversos autores o reconhecem como ferramenta eficaz para o letramento literário, sobretudo nas escolas do campo, onde há maior identificação entre alunos e ensino. Ainda assim, sua aplicação pedagógica enfrenta obstáculos.

O cordel, com seus versos rimados e metrificados que narram temas diversos, conquistou espaço nos livros didáticos, mas ainda está longe de ser protagonista em sala de aula. Muitos docentes resistem em abordar esse gênero, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, ainda centradas nas normas gramaticais. Surge então uma questão: por que tantos professores evitam explorar esse universo textual tão rico? Estariam presos aos estigmas que cercam a literatura popular, impedindo que a magia do cordel alcance seus alunos?

Com os avanços das pesquisas em torno das práticas de letramento literário foi possível perceber que existe a necessidade de se trabalhar com a leitura efetiva de textos literários em sala de aula, pois sua compreensão exige modos e estratégias de leitura que divergem de outros textos. Para tanto, é evidente também a necessidade de despertar o envolvimento e o prazer para que haja motivação e aprendizado no ambiente escolar, principalmente entre os alunos do campo, pois são inúmeros os desa-

fios com os quais os docentes que atuam em comunidades do campo se deparam diariamente, a exemplo da distância, da falta de recursos etc. Entretanto, nenhum é tão devastador quanto a baixa autoestima. Dessa forma, é inequívoco o quanto é necessário respeitar e valorizar o contexto cultural no qual a escola está inserida, a fim de que seja possibilitada aos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem a construção de suas identidades de forma positiva e valorativa.

Deste modo, é imperioso romper os grilhões apontados até aqui, pois o presente trabalho demonstrou que o cordel pode ser a chave para abrir as portas da motivação e do aprendizado rumo ao letramento literário. Imagine só: um ambiente escolar onde o envolvimento e o prazer caminham de mãos dadas com os alunos e o conhecimento é transmitido de forma tão prazerosa. Não estamos falando de utopia. Isso é possível!

Todavia, para que isso realmente aconteça é preciso que os professores se apropriem do papel ético e político que está intrínseco à ação de educar e deem um salto de ousadia, rompendo com os ditames e permitindo que o cordel, gênero discursivo em que a poesia e o conhecimento popular encontram morada, resplandeça em sala de aula. É chegada a hora de alforriar a voz e fazer valer a força da oralidade, acolhendo a poética cordelista, com suas histórias fascinantes e musicalidade única, colocando-a em cena nas aulas de Literatura e Língua Portuguesa. Nessa jornada rumo ao encantamento e à formação literária, os versos contagiantes do cordel podem ser ponte para a criatividade e a imaginação, transportando os estudantes a universos desconhecidos, transformando a escola do campo em um palco fértil para a descoberta de novas histórias.

Ao valorizar a cultura e os interesses dos estudantes, o trabalho com a literatura de cordel se revela uma potente ferramenta para o letramento literário, capaz de despertar o encantamento pela leitura e formar leitores conscientes. Nos anos finais do Ensino Fundamental, o cordel incentiva práticas de leitura e fortalece a formação literária dos alunos do campo. Para isso, é essencial trazer os gêneros orais para a sala de aula, valorizando a riqueza da oralidade e ampliando os repertórios escolares. Promover a

diversidade textual é tornar a leitura um ato verdadeiramente democrático.

## REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis**. São Paulo: Seguinte, 2020.

BARROS, Leandro Gomes de. **O cavalo que defecava dinheiro**. Fortaleza: Imeph, 2016.

CINTRA, Anna Maria Marques; PASSARELLI, Lílian Ghiuro. **Leitura e produção de textos**. 3. ed. São Paulo: Blucher, 2011.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura em sala de aula. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (orgs.). **Explorando a literatura no ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

DURÃO, Fábio Akcelrud; CECHINEL, André. **Ensinando literatura: a sala de aula como acontecimento**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2022.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

KRAMER, Sonia. **Educação como resposta responsável: conhecer, acolher e agir**. 1. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2021.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Sírlia. O lobisomem. In: **Recanto das Letras**, 4 jul. 2013. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/4371418>. Acesso em: 31 jul. 2022.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

NASCIMENTO, Gilles Villeneuve Souza. **Letramento literário e o cordel: o ensino de literatura por um novo olhar**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

ROIPHE, Alberto; PIMENTEL, Rosilene. **Xilográficos: mecanismos para ensino e aprendizagem do cordel**. Aracaju: Criação Editora, 2021.

SANTOS, Manoel Camilo dos. **Viagem a São Saruê**. Campina Grande, PB: A Estrela da Poesia, 1978.

SILVA, Gonçalo Ferreira. **A lenda do Caipora**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2005.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.